

JACQUES LACAN
L'INSU-QUE-SAIT DE L'UNE-BÉVUE S' AILE À MOURRE
SEMINÁRIO DE 17 DE MAIO DE 1977
RUMO A UM SIGNIFICANTE NOVO – IV – UM SIGNIFICANTE NOVO
Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller

Para dizer as coisas por ordem de importância crescente, tive o prazer de perceber que meu ensino alcançou *l'Écho des Savanes*. Vocês o lerão no nº 30. É um pouco pornô. Que eu tenha conseguido - não o fiz expressamente - chegar até aí, é o que se chama um sucesso. Recolho sempre atentamente *l'Écho des Savanes*, não esperava isso.

Em segundo lugar, eu assinalo a publicação de uma coletânea chamada *Polylogue*, que é de Julia Kristeva. Gosto disso, mas gostaria de me informar dela, já que fez o esforço de se deslocar esta manhã, se se trata, como me parece, pelo tanto que pude lê-lo, pois não a recebi há muito tempo, de uma polilinguística. A lingüística me parece mais que dispersa. É isso que, por *polylogue*, ela quis dizer? Se ela tivesse ainda um filete de voz para me ganhar, eu não ficaria descontente.

Júlia Kristeva: É outra coisa que a lingüística. Passa pela lingüística.

Sim, o que é chato é que não se faz outra coisa a não ser passar pela lingüística. Passei por lá, mas não fiquei. E se enunciei algo válido, lamento que não possa se apoiar nela.

Continuo a interrogar a psicanálise sobre a maneira como ela funciona. Como fazer para que ela se constitua numa prática que seja, ainda que algumas vezes, eficaz?

A psicanálise opera - pois de tempos em tempos ela opera - por um efeito de sugestão? Para que o efeito de sugestão funcione, supõe-se que a linguagem funcione para o que chamamos de o homem. Não foi por acaso que, outrora, manifestei uma certa preferência por um livro de Bentham sobre a utilidade das ficções. As ficções são orientadas para o serviço que, em suma, ele justifica. Mas, por um outro lado, há aí uma hiância. Que isso funcione para o homem, supõe que saibamos suficientemente o que é o homem. Ora, tudo o que sabemos do homem é que ele tem uma estrutura. Mas essa estrutura, não nos é fácil dizê-la. A psicanálise emitiu sobre esse assunto alguns vagidos, a saber, que o homem se inclina para seu prazer, o que tem um sentido bem claro. O que a psicanálise chama de *prazer*, é padecer, sofrer o menos possível.

Aí, é necessário lembrar a maneira pela qual eu defini o possível, com um curioso efeito de inversão, pois, digo que o possível é o que cessa de se escrever. Então, se se transportam bruscamente as palavras *o menos*, isso dá - *o que cessa o menos de se escrever*. E efetivamente, isso não cessa um instante.

É aí que eu gostaria de recolocar uma questão à cara Julia Kristeva. O que é que ela chama - isso vai forçá-la a soltar um pouco mais que um filete de voz como agora há pouco - de metalíngua?

O que quer dizer metalíngua, se não é a tradução?

Não se pode falar de uma língua senão em uma outra língua. Disse outrora que não há metalinguagem. Há um embrião de metalinguagem, mas deslizamos sempre, por uma simples razão - é que não conheço linguagem senão uma série de línguas, incarnadas. Esforça-se por atingir a linguagem pela escrita. E a escrita, contribui com alguma coisa somente nas matemáticas, onde se opera com a lógica formal, a saber, com a extração de um certo número de coisas que definimos, principalmente, como axiomas. São letras que assim extraímos. Isso não é absolutamente uma razão para que se acredite que a psicanálise conduza a escrever suas memórias. É, justamente, porque não há memórias de uma psicanálise que também estou embaraçado.

Tudo repousa numa metáfora, ou seja, imaginamos que a memória é alguma coisa que se imprime. Nada indica que essa metáfora seja válida. Em seu *Entwurf*, Freud articula muito precisamente a impressão do que fica, na memória. Não é porque sabemos que os animais se lembram que o mesmo acontece com o homem.

O que enuncio, em todo caso, é que a invenção de um significante é algo diferente da memória. Não é que a criança invente - este significante, a criança o recebe, e é isso mesmo que vale a pena que se faça mais. Nossos significantes são sempre recebidos. Porque não inventaríamos um significante novo? Um significante, por exemplo, que não tivesse, como o real, nenhuma espécie de sentido?

Não se sabe, seria talvez fecundo. Seria, talvez, um meio - um meio de sideração em todo caso. Não é que não se tente. É mesmo nisso que consiste o chiste. Consiste em servir-se de uma palavra para outro uso que não aquele para o qual ela é feita; dobramo-la um pouco, e é nessa dobradura que reside seu efeito operatório.

Há uma coisa que me aventurei operar no sentido da metalíngua. A metalíngua em questão, consiste em traduzir *Unbewusst* por *(une-bévue) equívoco*. Não tem absolutamente o mesmo sentido. Mas é fato que desde que ele dorme, o homem *equivoca* com toda força, e sem inconveniente algum, exceto no caso do sonambulismo. O sonambulismo tem um inconveniente, que é quando se desperta o sonâmbulo. Como ele caminha sobre os tetos, pode acontecer que ele tenha vertigem. Mas, na verdade, a doença mental que é o inconsciente não se desperta.

O que Freud enunciou, o que quero dizer, é - não há, em caso algum, despertar.

A ciência é indiretamente evocável nesta ocasião. É um despertar, mas um despertar difícil e suspeito. Só é certo que haja despertar quando o que se apresenta e representa não tem nenhuma espécie de sentido. Ora, tudo o que se enuncia até agora como ciência é sustentado na idéia de Deus. A ciência e a religião caminham muito bem juntas. É um *dieu-lire*. Mas isso não presume nenhum despertar.

Felizmente, existe um furo. Entre o delírio social e a idéia de Deus não há medida comum. O sujeito se toma por Deus, mas é impotente para justificar que ele se produz do significante, do significante S_1 , e ainda mais impotente para justificar que esse S_1 o representa ao lado de um outro significante, e que seja por aí que passam todos os efeitos de sentido, os quais se fecham rapidamente, ficam em impasse. A astúcia do homem é encher tudo isso, já lhes disse, com a poesia, que é efeito de sentido, mas também efeito de furo. Somente a poesia, já disse, permite a interpretação. É isso que não alcanço mais, em minha técnica, ao que ela toca. Não sou assaz poeta. Eu não sou *poata-assaz*.

Isso é para introduzir, a propósito do que se colocam questões, a definição de neurose. É preciso mesmo assim ser sensato, e se aperceber que a neurose toca às relações sociais. Sacode-se um pouco a neurose, e não é totalmente seguro que a curemos assim. A neurose obsessiva, por exemplo, é o princípio da consciência.

Há também coisas bizarras. Um tal Clérambault percebeu um dia - Deus sabe como ele encontrou isso - que havia o automatismo mental. Não há nada mais natural que o automatismo mental. Que haja vozes - de onde elas vem? Forçosamente do próprio sujeito - que haja vozes que digam *ela está prestes a limpar o cu*, fica-se estupefato que essa derrisão - pois, ao que parece, há derrisão - não aconteça mais freqüentemente.

De minha parte, vi recentemente - em minha apresentação de doentes, como se diz, se é que eles sejam tão doentes - um japonês, que tinha algo que ele mesmo chamava de eco do pensamento. Que seria o eco do pensamento se Clérambault não o tivesse apontado? Um processo serpiginoso, ele chama assim. Não é mesmo certo que haja um processo serpiginoso lá onde se atribuiu ser o centro da linguagem.

Esse japonês tinha um gosto muito vivo pela metalíngua, ou seja, ele gozava por ter aprendido o inglês e depois o francês. Não é aí que é feito o deslizamento? Ele deslizou no automatismo mental pelo fato de que ele não se reencontrava muito facilmente em todas essas metalínguas que pareciam ser manipuladas por ele. De minha parte, eu aconselhei, que se lhe permitisse participar do campo, e que não nos detivéssemos nisso que Clérambault inventou um dia, e que se chama de automatismo mental.

É normal o automatismo mental! Ocorre que, se eu não o tenho, é por acaso. Existe alguma coisa que pode se chamar de maus hábitos. Se alguém passa a *dizer coisas a si mesmo*, como se exprimia textualmente o dito japonês, por que não deslizaria para ao automatismo mental? De toda forma, é certo que, conforme o que diz Edgar Morin, em seu livro, recentemente publicado, sobre a natureza da natureza, a natureza não é tão natural assim. É mesmo nisso que consiste essa podridão que se chama geralmente a cultura. A cultura fervilha, já lhes fiz observar incidentalmente.

Os tipos modelados pelas relações sociais consistem em jogos de palavras. Aristóteles imputa, não se sabe por quê, à mulher ser histérica. É um jogo de palavras sobre o *hysteron*.

Por que tudo se absorve no parentesco mais superficial? Por que as pessoas que vêm nos falar em psicanálise só nos falam disso? Por que a psicanálise orienta as pessoas que se submetem a ela para as suas lembranças de infância? Por que não as orientariam aparentemente para um poeta, no sentido que articulei a pouco, o *não-poeta-assaz*? Um poeta entre outros, não importa qual. Mesmo um poeta é comumente o que chamamos um débil mental - não vemos porque ele seria exceção.

Um significante novo, que não tivesse nenhuma espécie de sentido, seria talvez o que nos levaria àquilo que, com meus passos trôpegos, chamo o real. Por que não tentaríamos formular um significante que, contrariamente ao uso que dele se faz atualmente, tivesse um efeito?

Tudo isso tem um caráter extremo. Não é sem intenção que fui introduzido nisso pela psicanálise. *Intenção* quer dizer *sentido*, não tem outra incidência. Ficamos colados sempre no sentido. Como ainda não se forçaram bem as coisas para provar o que aconteceria se se forjasse um significante que fosse outro?

Fico por aqui hoje. Se jamais lhes convocar a propósito desse significante, vocês o verão afixado. Seria um bom sinal. Como não sou débil mental senão relativamente - quer dizer que eu sou como todo mundo - é talvez porque uma pequena luz me terá ocorrido.

Tradução de Jairo Gerbase; 01/02/99.

Revisão de Jairo Gerbase; 17/05/99.